



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

LAYANE SILVA DE SOUSA

CORPO CASA

Goiânia
2020



PUC GOIÁS

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

CORPO CASA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2020

LAYANE SILVA DE SOUSA

CORPO CASA

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de Conclusão
do Curso de Graduação em Jornalismo à
Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
Escola de Comunicação, sob orientação da
Professora Doutora Eliani de Fátima
Covem Queiroz.

Data de defesa: 4 de dezembro de 2020.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Prof. Ma. Ana Paula Neres de Santana Bandeira

Jornalista. Kariny Bianca

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois acreditar em sua existência é um dos motivos para que eu esteja aqui. Em toda a minha vida pensei em escrever sobre como me sentia em relação a muitas questões, agora estou aqui e isso nem parece ser real. Meus agradecimentos se estendem a minha avó, sem ela eu não estaria aqui, tenho muito orgulho de ser sua neta. E a minha mãe, que me ensinou a ser forte e a não desistir de mim. A vida passa muito rápido e descobri em agosto de 2018 que ela é um sopro, às vezes leve e bem rápido como a vida do Enzo in memoriam meu primo, a quem também dedico esse trabalho pois as últimas palavras que me recordo foi ele me dizendo “Você está tão linda, você é tão linda “é isso que eu quero que muitas mulheres falem para si mesmas sempre, obrigada por me inspirarem, amo vocês para sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha avó, que nunca me deixou desistir de mim mesma, enquanto dias difíceis chegavam, ela sempre esteve lá me dizendo para continuar e que tudo iria se encaminhar. Aos meus professores que durante esses quatro anos compartilharam seus conhecimentos comigo, em especial a minha orientadora professora Dr^a. Eliani Covem, por não medir esforços em me incentivar e orientar com todo amor, cuidado e respeito que nem sei se mereço, com muita paciência na elaboração do TCC. Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida. E principalmente aos participantes do documentário que dedicaram seu tempo para me proporcionar esse filme incrível porque vocês são incríveis, minha gratidão e carinho por vocês.

O corpo não é uma máquina como nos
diz a ciência.
Nem uma culpa como nos fez crer a
religião.
O corpo é uma festa.

Eduardo Galeano

RESUMO:

O documentário Corpo Casa traz a narrativa de mulheres que já vivenciaram, ou vivenciam a dor de não estar no padrão, gordas maiores, menores, altas, baixas e principalmente belas. E que mesmo fora do padrão imposto pela sociedade são saudáveis, dançam, se exercitam, celebram seu corpo com todo amor e cuidado que essa casa sempre mereceu. No documentário as entrevistadas destacam o quanto se livrar do julgamento alheio fez com que elas reconhecessem a força e potência que têm. Foram abordadas durante as entrevistas questões como bulimia, padrão estético, body positive, autocuidado e a gordofobia que é o preconceito e aversão a pessoas gordas. A proposta do documentário também é mostrar que ser saudável perpassa muitas vezes longe do formato do seu corpo, mulheres reais, corpos reais e admiráveis.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário, corpo, gordofobia, padrão, auto aceitação.

ABSTRACT:

The documentary Corpo Casa brings the narrative of women who have already experienced, or experience the pain of not being in the standard, overweight, underweight, tall, short and especially beautiful. And that even outside the standard imposed by society, they are healthy, dance, exercise, celebrate their bodies with all the love and care that this house has always deserved. In the documentary, the interviewees highlight how much getting rid of the judgment of others made them recognize the strength and power they have. During the interviews, questions such as bulimia, esthetic pattern, body positive, self-care and fatophobia, which is prejudice and aversion to fat people, were addressed. The documentary's proposal is also to show that being healthy often cuts far from the shape of your body, real women, real and admirable bodies.

KEYWORDS: Documentary, body, fatophobia, pattern, self acceptance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1. O filme documentário.....	12
1.1 O que é documentário.....	13
1.2 A produção do filme documentário.....	14
1.3 O filme documentário no Brasil.....	17
2. “O corpo perfeito”	20
2.1 As características do corpo das brasileiras.....	22
2.2 Gordofobia.....	24
2.3 Corpo Casa.....	26
CAPÍTULO II.....	28

MEMORIAL.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICES.....	33
APÊNDICE I ROTEIRO.....	33
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	42
APÊNDICE III AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como produto o filme documentário *Corpo Casa*. O filme traz como narrativa a vida de mulheres gordas, e que ferem o ego do tão endeusado padrão de beleza. O foco principal do filme é mostrar como essas mulheres superaram os preconceitos em relação a sua imagem e as taxações de que o corpo delas sempre estaria errado, quando na verdade a realidade perpassa bem longe disso.

O filme traz relatos de 5 mulheres que contam um pouco da experiência delas com a gordofobia desde a infância. Como foi o processo de entender que a sociedade iria julgar elas com olhares, palavras maldosas, que o acesso a roupas, lugares e espaços específicos não seria o mesmo, pois se amar não faz com que a catraca aumente, com que seja mais fácil, então perceber o quanto é muito mais do que se amar, é entender que o padrão é um problema estrutural.

Se amar é o começo, se compreender e só assim você vai começar a entender as dinâmicas destrutivas que a sociedade sempre reafirmou, muitas vezes na figura da mãe que diz para a menina que ela nunca vai ter um namorado por não ser magra, ou a tia que diz que daqui uns dias não haverá porta que passe o corpo dessa menina, que ainda é uma criança e ouve ideias tão distorcidas do que é saúde. Aprender que saúde não é sobre magreza é essencial, para que comecemos a enxergar o corpo gordo com gentileza, e entender que não é sobre ser melhor ou pior, mas sim sobre a liberdade de vestir 36, 46, 48,52 e isso não te faz menos ou mais mulher.

A estudante de jornalismo, Layane Silva, abre o filme trazendo o seguinte questionamento para si mesma e para as outras meninas: como vocês se enxergavam antes dos seus processos de empoderamento? O depoimento da Layane é seguido pela Modelo e influenciadora digital, Isabella Trad, seguido dos depoimentos da estudante de direito e empresária, Stephanny Karollyne, a empresária e designer de moda, Rafaela Vaz, a jornalista e influencer digital, Raíssa Galvão e a psicóloga clínica, Thais Rocha.

Acompanhando a produção do filme *Corpo Casa*, foi realizada ampla pesquisa sobre o produto documentário e sobre o tema do filme, que abrange todo o processo de evolução da sociedade em entender sobre a diversidade em sua amplitude.

O Filme documentário é uma produção cinematográfica que pretende mostrar a realidade de algumas situações vividas por um grupo de pessoas. É um recorte da realidade escolhido pelo diretor (NICHOLS, 2005). Dialogando com Nichols, Ramos (2008) afirma que o documentário é uma narrativa com imagens que traz asserções sobre o mundo, na medida em que um espectador recebe essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens e a dimensão da tomada por meio da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.

Em relação à metodologia empregada neste trabalho, as primeiras iniciativas foram as leituras de teorias e autores, com o objetivo de construir uma fundamentação com embasamento teórico aprofundado. Os autores escolhidos para compor este trabalho viabilizaram conhecimento sobre a importância de entender o processo de construção e a afirmação do padrão de beleza na nossa sociedade.

A partir das gravações foi possível vivenciar algo que até o momento era apenas teoria. Os depoimentos carregados de emoção e vivências pessoais, fazem com que seja possível entender um pouco do que é viver fora desse padrão, ser gorda, confiante, e feliz com quem se é. A junção dos depoimentos gravados com a base teórica trouxe à autora maior clareza para o trabalho como um todo.

A maior dificuldade, no início da produção do filme, foi o fato de todos estarem vivenciando uma pandemia, a COVID19, e não poder gravar presencialmente. Dessa forma, as gravações foram realizadas pelo aplicativo Zoom, e somente uma entrevista foi realizada presencialmente. Nessa filmagem presencial foi utilizada a câmera Canon PowerShot SX 420 IS, contando com a ajuda da colega de curso, Tatiele Escobar.

Terminado o processo de filmagem, foram escolhidas as melhores cenas, melhores trechos das entrevistas, a partir da decupagem de todo material gravado e elaboração do roteiro do filme. Foi o momento de pensar como seria a introdução do filme, escolha das imagens para sobrepor as falas para melhorar a qualidade do filme. Como as entrevistas tiveram que ser gravadas *online*, muitas imagens foram cortadas devido ao tempo permitido para o filme, que é de vinte e cinco minutos. Também foi feita a criação dos créditos, orientação da montagem e da finalização do filme. A montagem foi feita pelo técnico do laboratório de TV do Campus V da PUC Goiás, André Luiz Brito, que utilizou o programa de edição Adobe Premiere.

Todo o processo de construção do filme *Corpo Casa* trouxe uma outra visão até sobre os processos da autora, coisas que ela ainda precisa desconstruir. A autora se sentiu acolhida como mulher ao entender que muitas mulheres, se não todas, veem o padrão como algo injusto demais para ser propagado.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.Documentário

O documentário não é uma simples reprodução da realidade, mas uma representação do mundo em que se vive. Traz luz a uma determinada visão de mundo, na qual nunca se tenha deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares. Julga-se uma reprodução pela fidelidade ao original, pela capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Se qualifica uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que será oferecido. Geralmente espera-se mais da representação da realidade do que da

Reprodução. (NICHOLS, 2008).

De acordo com o autor, todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, pode-se dizer que existem dois tipos de filmes: documentários de satisfação e desejos; e documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes.

Os documentários de satisfação e desejo são os que normalmente são chamados de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível os desejos e sonhos, os pesadelos e terrores, os tornando concretos, visíveis e audíveis. O que antes era só fruto da imaginação, expressam aquilo que se deseja ou se teme, que a realidade seja ou possa vir a ser (NICHOLS, 2008).

Para o autor, os documentários de representação social são o que normalmente é chamado de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível os aspectos de um mundo que é ocupado e compartilhado pelas pessoas. Tornam visível e audível de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam uma compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes transmitem verdades, se assim quiser.

1.1 Documentário: conceitos e teorias

Nichols (2008) ressalta a diferença entre os filmes documentários de não-ficção e ficção, pois a ficção se contenta em suspender a incredulidade e o público aceitar o filme como plausível, já a não ficção com frequência quer injetar crença, fazer com que o público aceite o mundo do filme como o real. Dessa forma, os documentários dão a capacidade de ver as questões oportunas que necessitam de atenção. São visões diferentes do mundo e essas visões colocam diante do público questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social.

O documentário engaja-se no mundo, segundo o autor, pela representação de três maneiras. Em primeiro lugar a capacidade que têm a filmagem de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade. Segundo os documentários também significam ou representam interesses de outros. A democracia representativa, ao contrário da democracia participativa, funda-se em indivíduos eleitos que representa os interesses de seu eleitorado, por exemplo. Os documentaristas, muitas vezes, assumem o papel de representantes do público, falam em favor dos interesses de outros, tanto dos sujeitos tema de seus filmes, quanto da instituição ou agência que patrocina a atividade cinematográfica.

Em terceiro lugar, os documentários representam o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante do público a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas. “Nesse sentido, os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam; os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões” (NICHOLS, 2008, p. 27).

Portanto, no cinema, as vozes individuais prestam-se a uma teoria do autor, ao passo que as vozes compartilhadas, a uma teoria do gênero. O estudo dos gêneros leva em consideração os traços característicos dos vários grupos de cineastas e filmes. De acordo com o autor, no vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Dessa forma, são várias as formas de se construir um

recorte de determinada realidade. O filme documentário *Corpo Casa* foi produzido seguindo os parâmetros do modo participativo e observativo.

O modo participativo, segundo Nichols (2008) necessita de uma observação participativa do que será alvo de sua pesquisa, o pesquisador vai a campo e participa da vida das pessoas que farão parte da construção do documentário, aquele contexto começa a ser parte da realidade do pesquisador também. O documentário observativo reduz importância da persuasão, para nos dar a sensação de como é estar em uma determinada situação. O modo observativo propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros ocupando-se de seus afazeres. Esse modo trabalha na captura da observação espontânea da experiência vivida.

1.2 Técnica de Produção do documentário

As técnicas usadas para produzir um filme documentário são variadas e os documentaristas possuem um repertório particular do qual se apropria em cada nova experiência de filmagem. Bernard (2008) afirma que são tempos instigantes, os de hoje, para documentaristas e cineastas, pois “as mudanças na tecnologia e o meio como a mídia é produzida e consumida criam novas oportunidades e com isso os documentários chegam até novos públicos, tanto local como globalmente” (BERNARD,2008, p.1).

Para a autora, os elementos básicos de uma narrativa para contar um acontecimento ou uma série de acontecimentos são criados de maneira a suscitar o interesse do público. Em suas linhas mais gerais, uma história compreende início, meio e fim, têm personagens cativantes, uma tensão crescente e um conflito que chega a alguma espécie de resolução. Envolve o público em um nível emocional e intelectual, motivando os espectadores a querer saber o que acontecerá a seguir.

O elemento que dá o gancho para uma história é a exposição, que na verdade são as clássicas perguntas: o quê, onde, quando e porquê. As respostas dão ao público as ferramentas de que ele necessita para seguir a história que está se desdobrando e, mais importante, permite que ele entre na história. Vez ou outra se discute a exposição como algo a ser evitado, mas ela é necessária para que um público compreenda o filme. Esta apresentação geralmente ocorre no primeiro ato, não precisa ser pensada no sentido de carregada de informações. A exposição pode ser feita de muitas maneiras, algumas vezes a informação expositiva vem quando as pessoas que estão sendo filmadas perguntam “E agora?!”. Algumas vezes é revelada no título. “A boa

narração pode ser habilmente intercalada à história, proporcionando aos espectadores informação na medida certa para que eles saibam onde estão” (BERNARD, 2008, p.16).

O fio condutor, a espinha dorsal da narrativa, segundo a autora, é o que leva o filme adiante, do começo ao fim. O fio condutor faz a história avançar, mesmo fazendo desvios necessários para a exposição e o uso de personagens adicionais. Às vezes, esses desvios são ensejados pelo fio condutor e o público quer um desvio para aprender mais. Se o fio condutor do filme for poderoso, o documentarista irá avançar, em passos firmes e seguros na narrativa. Se não tiver um fio condutor avançando, esses desvios aparecerão como fora de foco, e muito provavelmente tediosos. O seu fio condutor se fará descarrilado.

Para a produção do filme documentário, Puccini (2008) cita uma lista de passos a seguir. O modelo de proposta de filmagem deve primeiramente mostrar a hipótese de trabalho e interpretação a ser representada, que recorte será mostrado no filme, e para isso é necessária uma pesquisa aprofundada. O cineasta deve questionar qual é de fato o tema do filme e a exposição do tema, quais informações necessárias para que o espectador possa ter acesso a esse universo e como essas informações serão transmitidas a ele.

A realização de um filme documentário passa por várias etapas que são fundamentais para que a produção se concretize, segundo o autor. A primeira delas é a pesquisa. Em um primeiro momento, faz-se necessário pesquisar teoricamente o máximo de informações sobre o tema do filme. Conhecer a fundo do assunto a ser tratado. Em um segundo momento é necessário conhecer as prováveis locações. Verificar e fazer um estudo do local de gravação pode prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação ou captação de som e mesmo para o documentarista se familiarize com o lugar de filmagem. Em relação à fotografia, é conveniente estudar a iluminação dos locais de filmagem, a incidência de luz natural e as fontes de eletricidade caso haja a necessidade de luz artificial.

Puccini (2007) explica que alguns documentaristas questionavam as etapas que o filme documentário exigia para sua construção, mas esse é um equívoco na concepção do processo de construção do filme documentário, sustentado pela falsa ideia de que o gênero exige menos preparação ou menos da intervenção criativa do cineasta. Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por etapas seletivas, comandadas por escolhas subjetivas deste realizador. “Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da

ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva” (PUCCINI,2007, p.20).

Depois que todo o processo de pesquisa é realizado, chega-se à etapa de produção do filme. Nesta fase, é necessário entrar em contato com todas as pessoas que serão personagens do filme. Combinar com elas dia, hora e local de gravações. “Com a produção é possível evitar imprevistos que podem prejudicar o andamento das gravações” (PUCCINI,2007, p.137).

Para a gravação das entrevistas é preciso planejar o enquadramento da câmera, explica o autor. As opções de enquadramentos geralmente são plano médio, primeiro plano e close up, podendo haver a possibilidade de o entrevistado ser mostrado de corpo inteiro. Não é muito adequado para o filme documentário gravar uma entrevista inteira de plano geral, fazendo com que o entrevistado ocupe pouco espaço do quadro. É recomendada a utilização de tripé para uma maior estabilidade da imagem e menor sacrifício do operador de câmera, especialmente no caso de entrevistas longas. No caso de entrevistas de rua, não há sentido em se utilizar tripé. A movimentação propiciada pela câmera na mão fica perfeitamente de acordo com o espaço em que ocorre a entrevista.

Na experiência da autora, produzindo o documentário *Corpo Casa*, em meio à pandemia da COVID19, foi algo complexo. As entrevistas foram marcadas por *e-mail*, Instagram e WhatsApp, gravadas em plataformas virtuais no computador. Somente uma entrevista foi realizada presencialmente.

Entre as entrevistadas, duas moram em São Paulo, e por isso a entrevista precisou ser feita pelo aplicativo de reuniões Zoom. As outras entrevistadas moram em Goiânia, mas devido a pandemia e os riscos de contaminação pelo novo Coronavírus, também foram feitas *on-line* e apenas uma presencial.

Os planos de filmagem, segundo Puccini (2007), operam recortes do espaço cenográfico em que os personagens atuam, recortes esses que são determinados pelos limites do enquadramento da câmera. Esses recortes menores criam uma diversidade de pontos de vista da cena.

Terminada a etapa de gravação, é preciso decupar o material gravado. A decupagem técnica feita pelo diretor se inicia pela análise de cada uma das cenas e cada uma das entrevistas gravadas. Nessa análise, o diretor faz um levantamento daquilo que vem a ser mais importante na cena, o que ela informa? Baseado nessa análise, o diretor decide qual será a melhor maneira

de mostrar a cena cinematograficamente, de transpor para a tela aquilo que é essencial da cena (PUCCINI, 2007).

Para o autor, a etapa de elaboração do roteiro para a montagem do filme documentário é quando o documentarista assume total controle do universo representado no filme. Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso. Mesmo no caso de não ser escrito no papel, o roteiro do filme virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador; será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário.

O primeiro passo para se fazer a montagem do filme é fazer um roteiro bem elaborado, com a definição e ordenação das cenas dramáticas. A segunda etapa da montagem é seguir o roteiro, nasce da leitura atenta da descrição do conteúdo de cada uma das cenas dramáticas. A decupagem dos planos gravados, definida no roteiro técnico, orienta a feitura daquilo que será o copião do filme, uma montagem preliminar cuja finalidade é apenas cortar e colocar todos os planos do filme na ordem narrativa expressa no roteiro sem os ajustes necessários à precisão do corte. O plano sintetiza, na forma de imagem, uma sugestão expressa pelo texto do roteiro. Da passagem do texto literário ao plano cinematográfico o fluxo de informação narrativa se acelera. O filme ganha ritmo. Da passagem do copião à montagem final, a velocidade aumenta por meio da eliminação dos tempos mortos e da precisão do corte, seguindo sempre a recomendação que está no roteiro (PUCCINI, 2007).

1.3 História do Filme documentário no Brasil

O Cinema chega ao Brasil no ano de 1896, inicialmente com exibições no Rio de Janeiro e, depois, em São Paulo, seguindo para outras cidades. A novidade veio integrar espetáculos de teatro de variedades e dos cafés-concertos. A primeira sala fixa de exibição encontrava-se no Rio de Janeiro e tinha como principal dono um imigrante italiano chamado Pascoal Segreto.

A exibição de imagens em movimento fazia muito sucesso e em busca de renovar o repertório e qualificar tecnicamente as salas exibidoras realizavam viagens constantes para Paris ou Nova Iorque. Em uma dessas viagens Afonso Segreto, irmão de Pascoal, realizou a primeira imagem do cinema brasileiro, filmando a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, a bordo do navio “Brésil”, que retornava de Paris. Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomadas de

vista” e prevaleceram até o ano de 1908. Devido à falta de infraestruturas nas cidades brasileiras, durante as décadas de 1910 e 1920, predominou a produção de um cinema natural, com a produção de documentários e cinejornais com o objetivo de levantar recursos para a produção de filmes ficcionais (GONÇALVES, 2006).

De acordo com o autor, essas produções eram realizadas em todo o país, mostrando as belezas naturais e culturais de cada região. Logo os antropólogos começaram a usar as câmeras para filmagens, viajavam para retratar a cultura indígena. Assim, os filmes etnográficos levavam ao Brasil urbano imagens de um país imenso e desconhecido, divulgando as ações oficiais de integração nacional e a imagem idealizada de um índio ainda selvagem.

Gonçalves (2006) destaca que neste contexto a Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como Comissão Rondon, realizou uma série de filmes com registros feitos durante as expedições. Os filmes contavam quase sempre com direção do major Luiz Thomaz Reis, que operava a câmera, revelava e montava os filmes.

O Cinema Novo surgiu como uma resposta ao cinema tradicional que fazia sucesso nas bilheterias brasileiras no final da década de 1950, um cinema que basicamente se resumia a musicais, comédias e histórias épicas no estilo hollywoodiano, muitas vezes realizados com recursos de produtoras e distribuidoras estrangeiras. Nesse contexto, um grupo de jovens cineastas, em busca de mudança e dispostos a combater o que eles caracterizavam como um cinema de mau gosto e “prostituído”, adotou o lema “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, dito pelo cineasta Glauber Rocha, para atacar o industrialismo cultural e a alienação das populares chanchadas. (KREUTZ, 2018).

No final dos anos 1960 a TV se firmava como importante veículo de massas no Brasil. Surgem experiências significativas na busca por formatos de documentários televisivos ou jornalismo investigativo. Em 1972, por iniciativa dos jornalistas Vladimir Herzog e Fernando Pacheco Jordão, foi criado o telejornal A Hora da Notícia, na TV Cultura de São Paulo, a fim de mostrar o Brasil real, contrapondo a imagem oficial criada pelo governo militar e seus filmes institucionais. O cineasta João Batista de Andrade foi chamado para realizar pequenos documentários diários, questionando e exibindo imagens que a ditadura ocultava. Dessas reportagens, destaca-se migrantes, 1972, recuperado posteriormente como um curta metragem autônomo (GONÇALVES, 2006).

Citar alguns filmes documentários é essencial para contar história do cinema no Brasil. O curta – metragem “A Pedra da Riqueza”, 1975, feito por Wladimir Carvalho que conta sobre sua

terra natal, a Paraíba, além de estrelar filmes sobre a cidade de Brasília, onde realiza o longa-metragem *Conterrâneos Velhos de Guerra* (1990) (GONÇALVES, 2006).

De acordo com o autor, em 1975, Jorge Bodansky e Orlando Senna realizam o filme *Iracema, uma Transa Amazônica*, onde exploram os limites entre a ficção e o documentário. Estilo que marcaria a carreira de Bodansky, que desenvolveu a maior parte da sua carreira em produções para canais de TV estrangeiros, em especial para TV alemã, em parceria com o alemão Wolf Gauer. Assuntos relacionados à Floresta Amazônica e a região Norte do Brasil são recorrentes no trabalho da dupla, entre eles *O Terceiro Milênio*, de 1983, onde acompanham um político populista em campanha pelos rincões do Amazonas.

Sílvio Tandler é outro cineasta que trabalha com material de arquivo, técnica na qual é especialista. Produziu os longas-metragens *Os Anos JK*, uma *Trajetória Política, 1976-1980*, trabalho de quatro anos de pesquisa, com excelente resultado de bilheteria nas salas de exibição; e *Jango*, 1981-1984 (GONÇALVES, 2006).

Entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, o autor menciona que neste período o documentário não possuía muita visibilidade, Octávio Bezerra mantém boa produção em longa-metragem com filmes como *Uma Avenida Chamada Brasil*, 1989, onde denunciava a violência e a convulsão social existente nos arredores da Avenida Brasil do Rio de Janeiro e *A Dívida da Vida*, 1992, filme em que questiona as consequências para o Brasil da sua elevada dívida externa, com filmagens em vários Estados do país e presença marcante do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

No documentário *Janela da alma* (2001) os diretores Walter Carvalho e João Jardim mostram pessoas famosas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, narrando a forma como sentem o mundo. Esse filme faz parte do projeto *Um recorte do documentário brasileiro contemporâneo* e ganhou 17 prêmios internacionais (GONÇALVES, 2006).

O autor lembra a produção de Nelson Pereira dos Santos, que também realiza filmes para canais pagos, entre eles, *Casa Grande e Senzala*, 2000, série de 4 episódios com uma abordagem didática sobre a obra de Gilberto Freire. Fez também o documentário *Raízes do Brasil*, sobre a vida do historiador Sérgio Buarque de Holanda. Com um trabalho voltado a séries documentais para TV, Isa Grispum Ferraz realiza, em 2000, uma série de dez episódios sobre o pensamento de Darcy Ribeiro e a formação da nação brasileira em *O Povo Brasileiro*, 2000, além de outra série de onze programas sobre intelectuais brasileiros, intitulada *Intérpretes do Brasil*, 2001.

Em 2010, o filme “*Segredos da Tribo*” de José Padilha, um longa-metragem documental

sobre os estudos antropológicos índios Yanomami desde os anos 1960, quando foram estabelecidos os primeiros pontos de contato permanente com as tribos da região do baixo Orinoco, na Amazônia venezuelana. Ao contrapor a opinião dos principais estudiosos sobre a suposta violência inata dos Yanomami da região, o filme revela sérios problemas com a própria antropologia, tanto do ponto de vista metodológico quanto do ponto de vista da ética. (GONÇALVES, 2006).

O Brasil tem um extenso repertório de documentários de qualidade e recentemente no ano de 2019 a diretora Petra Costa lançou o documentário Democracia em vertigem. O filme retrata um dos períodos mais dramáticos da história do Brasil, o político e o pessoal estão entrelaçados. Por meio de relatos de seu complexo passado familiar e acesso a líderes do passado e do presente – incluindo os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff, a cineasta analisa a ascensão e queda desses governantes e a consequente polarização de uma nação (TOMÉ, 2019). O filme foi selecionado para concorrer a 92º Premiação do Oscar de 2020, na categoria de Melhor Documentário, mas não levou o troféu. O filme ganhador do prêmio em 2020 foi Indústria Americana, dos diretores Julia Reichert e Steven Bognar.

2. Corpo “perfeito”

Você deveria saber que é linda do jeito que é.

E que você não tem que mudar nada, o mundo poderia mudar de ideia.

Não há cicatrizes na sua beleza.

Nós somos estrelas e somos lindas.

(Scars To Your Beautiful, Alessia Cara)

A preocupação com o corpo perfeito começou na Grécia antiga, a forma física e o intelecto eram de extrema importância para os gregos. O lema “mens sana in corpore sano” (mente saudável em corpo são), vem da ideia de culto a beleza, que era reforçada de maneira incessante. Logo após a Era Clássica, na Idade Média, as questões estéticas e o físico ficaram relegados ao segundo plano. Durante essa época, o corpo foi tratado pela sociedade de forma discreta, com todo o decoro exigido pelas crenças religiosas, e de acordo com as leis divinas (FERREIRA, 2012. p.1).

A chegada da burguesia ao poder no século XVIII fez com que o papel do corpo voltasse a ter destaque na sociedade europeia ocidental. De acordo com o psicólogo Fernando de Almeida Silveira, doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal de São Paulo, com a queda da aristocracia europeia, a burguesia foi se auto afirmando por meio de uma nova relação corpo-essência. "Se os nobres tinham suas origens genealógicas como diferencial, a burguesia passou a desenvolver a noção de um corpo disciplinado, saudável e longo para se destacar tanto da aristocracia decadente quanto do proletariado promíscuo e desregrado" (FERREIRA, 2012. p.1).

Para o autor, outro fator que fez o corpo ser levado como destaque na sociedade ocidental, de acordo com o autor, foi o motivo da ascensão do sistema capitalista que visava a busca de um corpo capaz de fornecer uma maior produtividade em pouco tempo. Depois, em meados do século XIX, surgem as primeiras escolas de ginástica europeia, que difundiam a ideia de um corpo saudável por meio de ginástica.

No século XXI o crescimento da mídia fez surgir a indústria da beleza, que produz novos padrões de beleza, tornando-se obsessão em todo mundo, principalmente nas classes mais ricas. Atualmente, cada vez mais pessoas buscam formas de transformar o físico, em busca da perfeição de acordo com os padrões (FERREIRA, 2012, p. 1).

Os padrões de beleza, de alguma forma, sempre fizeram parte da construção de uma sociedade, pois querendo ou não em algum momento as pessoas foram influenciadas a enxergar o padrão como o único belo, digno de ser amado, lembrado, desfrutado e rotineiramente endeusado. Estar com os olhos voltados para o corpo magro, alto, esbelto é comum. A sociedade ensinou assim, desconstruir ideais, maneiras de olhar, posicionamentos, não é uma tarefa simples. "Não é fácil ser mulher nesse mundo cheio de cobranças, de origem desigual, que distorce valores e acrescenta cada vez mais tudo o que é desnecessário" (VAN ROOIJEN, 2019, p.1). Essa é a afirmação da socióloga Rachel Abreu sobre a definição do padrão de beleza imposto pela sociedade. Esse padrão afeta a vida das mulheres e é tema de diversas pesquisas.

Um estudo realizado pelo Núcleo de Doenças da Beleza da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Veiga de Almeida e a marca Dove em 2016, mostrou que, no Brasil, 71% das mulheres se sentem pressionadas para serem perfeitas. Além disso, oito em cada dez das 4 mil mulheres entrevistadas, entre 18 e 64 anos, já evitaram um compromisso social por não se sentirem bem com o próprio corpo. A pesquisa mostrou ainda que 82% revelaram

que gostariam de ver outros perfis de mulheres em campanhas, abrangendo etnias e faixas etárias, porque isso influencia (VAN ROOIJEN, 2019, p.1).

Se existe o perfeito, como ele é, onde está, sendo que cada ser humano em sua individualidade tem algo que o diferencia. As pessoas são constantemente desafiadas a se reinventarem, não só fisicamente mas em todos os contextos. O porquê de criar um modelo a ser seguido para tudo, não só a beleza física, os padrões se tornaram parte das pessoas, comportamento, vestimenta, falar, andar, dançar, para tudo parece existir uma fórmula pré-estabelecida.

A incessante busca pelo corpo perfeito é um sintoma contemporâneo que aponta para desejos e questões da atualidade. O aumento dessa demanda leva a vários recursos para atingir tal objetivo, mesmo que estatisticamente o resultado traga prejuízos à saúde do sujeito. Percebemos no Narcisismo, um dos mecanismos possíveis para entendimento do funcionamento psicológico de pessoas que lutam por este padrão de corpo tão idealizado por nossa cultura (NASCIMENTO, 2007, p.1).

De acordo com o autor, na expectativa de atingir o padrão de imagem, medicamentos, chás, shakes, dietas assustadoramente restritivas são vendidas, porque emagrecer a qualquer custo é o que importa. Mas buscar o perfeito traz resultados não muito satisfatórios. Essa busca fez com que crescesse o número de jovens com algumas patologias como: anorexia (distorção da imagem corporal: ao olhar no espelho, sempre se vê muito mais gordo do que é), bulimia (transtorno compulsivo alimentar, onde a pessoa força o vômito após as refeições) e amenorreia, provocada por consequência dos outros transtornos (ausência da menstruação); a vigorexia (transtorno no qual as pessoas realizam práticas esportivas de forma contínua, excessiva e supervalorizada - o fanatismo - a ponto de exigir constantemente de seu corpo sem importar-se com eventuais contraindicações); a ortorexia (o exagero em dietas naturalistas); a osteoporose precoce, alterações cardíacas e metabólicas e outras, como perda de cabelo e pele ressecada com mais pelos (NASCIMENTO, 2007).

A incansável busca pela perfeição pode causar danos permanentes, algo tão insustentável e sem razão quando elucidado. As diferenças trazem beleza ao ser, tentar padronizar tais individualidades se torna um grande devaneio coletivo.

2.1. As características do corpo das brasileiras

A mulher brasileira geralmente é conhecida por ter um corpo avantajado, coxas grossas, seios e bumbum grandes, cintura fina, porém a realidade perpassa bem longe desse ideal criado e reafirmado durante tantos anos. Ter esses atributos significa que você se encaixa em um padrão sexualizado pela sociedade, e taxado como o único que existe. Fugir dos padrões estéticos se torna

a cada dia mais difícil, pois a indústria que lucra com a insatisfação é enorme, ela se alimenta das fraquezas que são diariamente reafirmadas pela mídia. “A mídia procura convencer a cada um que é possível estar com o corpo na medida certa das previsões feitas para cada estação. ” (COUTO, 2000, p.32). As redes sociais estão dando esse espaço, mas a mentalidade do coletivo ainda precisa passar por processos de desconstrução.

As pessoas, principalmente as mulheres, são incentivadas a buscar o corpo ideal, sempre presentes nos meios de comunicação, especialmente pela moda e publicidade, a razão econômica de ser da mídia, a imagem vinculada a modelos corporais e de beleza a serem apreciados e produzidos no cotidiano. A moda e a publicidade funcionam como o centro de atração e sedução para o consumo dos produtos que fazem parte da indústria da beleza (COUTO, 2000, p 128).

Para o autor, a indústria da beleza lucra milhões de reais e afrontá-la não é nada fácil. Enquanto sociedade, reforça-se padrões desde as primeiras palavras, logo vem as primeiras comparações, o bullying na escola por ser diferente, sendo que a diferença deveria ser contemplada. Dessa insatisfação alimentada desde a infância nascem os distúrbios alimentares como bulimia nervosa e anorexia nervosa, entre outros. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 4,7% dos brasileiros sofre de distúrbios alimentares, no entanto, na adolescência, esse índice chega até a 10%, fase em que o corpo está em mudanças mesmo, em fase de transição e esse corpo não deveria ser metralhado com padrões inalcançáveis até para os adultos (FOLHA VITÓRIA, 2020).

Segundo Woodman (2002), no Brasil, é crescente o número de mulheres com distúrbios alimentares. Entender as mulheres que jejuam até quase a morte ou que se fartam de comer, depois provocam vômitos, além de tomarem toneladas de laxantes e diuréticos, primeiro é necessário entender o que permeia todo esse comportamento autodestrutivo. A obra em sua amplitude aborda os vícios da perfeição, apresentando casos clínicos que comprovam o quanto o padrão mata.

O corpo deve ser a melhor vestimenta, uma casa, e não ser tratado como um peso, algo que constantemente é bombardeado com opiniões alheias disfarçadas de preocupação com a saúde. Os procedimentos estéticos são bastante invasivos e podem acabar com a saúde da pessoa que busca o “corpo ideal”. O Brasil é o país que mais consome cirurgias plásticas no mundo, superando Estados Unidos segundo dados do International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS). As pessoas que mais se submetem a cirurgias estéticas são as mulheres - de acordo com o ISAPS, 86,2% das cirurgias plásticas no mundo são realizadas por mulheres (ISAPS, 2018).

Para Freyre (2006, p 210), o corpo da mulher ao longo dos anos se sujeitou a diversos moldes para agradar o sexo dominante:

A verdade é que a especialização de tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais e culturais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio exclusivo de uma classe, uma raça e de um sexo.

O corpo se torna então um instrumento de controle das mulheres, que desde os tempos primórdios eram representadas como a dona de casa, amante, escrava, sinhá, preta. Parecia não haver outros papéis, sempre como coparticipantes de algo. Acharam por bem reforçar inseguranças por meio de padrões que prendesse a mulher em relacionamentos, trabalhos e em si mesma ao odiar seu corpo, sua casa (SAMARÃO.2007).

2.2 Gordofobia

Gordofobia é o sentimento de repulsa ou acentuado desconforto para com pessoas gordas, fora dos padrões estéticos. Este sentimento pode estar seguido de atos de violência física, verbal, moral e psíquica (NORONHA; DEUFIEL, 2014). A sociedade das últimas décadas prega a magreza como evidência de saúde, e traz a ideia de que o corpo da mulher gorda não pode ser saudável e sequer desejado.

Uma busca no Google pelo termo “gordofobia” até o ano de 2009 encontrará menos de 700 resultados. Entre 2010 e 2013, esse número sobe para perto de 10 mil resultados. Para o mesmo intervalo de tempo, a busca entre os anos de 2014 até 2017 retornará um total de 57 mil resultados, um crescimento de quase 600% em comparação ao período anterior. Como explicar esta diferença? O aumento no número de usuários de internet, embora relevante, não é suficiente para dar conta de tal fenômeno. Portanto, a expansão do discurso sobre gordofobia na mídia nos últimos anos está associada à emergência de uma nova moralidade que marca a cultura ocidental contemporânea (SANTOS; SANCHOTENE, 2017).

A narrativa de ser mais saudável mentalmente surgiu nos últimos anos. Com isso, questionar-se sobre o que faz bem ou não para alcançar a tal sonhada plenitude se tornou algo comum e até necessário. Neste novo contexto, muitas mulheres perceberam o quanto eram julgadas por suas medidas, marcas e sua imagem como um todo. Começou, então, uma disputa entre dois ideais “seja magro, seja esbelto, seja saudável” *versus* “seja quem você é, seja autêntico”. A

sociedade não vê alguém gordo ou fora do ideal reafirmado como uma pessoa saudável. Então será que é só sobre saúde?

Os posicionamentos de mulheres gordas, que atualmente são ouvidas no Instagram por milhares e até milhões de pessoas é sobre serem saudáveis, terem uma vida ativa, mas a imagem desta pessoa não precisar encaixar em nenhum modelo preestabelecido por uma indústria que adoce mulheres lindas que se veem feias por não entrarem nesse modelo padrão. Mulheres lindas que dançam, buscam visibilidade, inspiram outras mulheres. Entre elas está Alexandra Gurgel, 31 anos, jornalista, escritora, youtuber e criadora de conteúdo que em seu canal e no seu perfil do Instagram demonstra o quanto ser saudável perpassa longe de um corpo padrão. Isabella Trad, 26 anos, modelo e influenciadora digital, também faz parte do grupo dessas mulheres que falam sobre a autoestima da mulher gorda, uma musa que sempre mostra seu corpo, dança e perpetua a ideia da beleza realmente não ter tamanho. Raissa Galvão, jornalista, designer de moda e influenciadora digital, traz diversos conteúdos sobre body positive em seu Instagram, fala sobre moda consciente, saúde mental e mostra que para ser estilosa e bonita nunca precisou ter quilos a menos.

A ideia de saúde, nessa nova forma de discurso autobiográfico de empoderamento, se desvincula da imagem do corpo necessariamente magro. O que se percebe como alicerce relevante nesse tipo de narrativa é a reafirmação do ideal de corpo saudável, que se perpetua como um imperativo na sociedade, não importando qual seja a forma física em questão (SANTOS; SANCHOTENE, 2017). De acordo com Wann (1999, p. 2), o gordo é vítima de preconceito e stress.

(...) é perfeitamente possível ser gordo e saudável. Assim como é possível ser baixo e saudável. Criou-se uma espécie de superstição em torno da gordura. Se você é gordo nunca se casará, nunca terá um emprego, nunca terá uma vida sexual satisfatória. Frequentemente os gordos adoecem não por causa da gordura, mas sim pelo stress, pela opressão a que são submetidos. Ninguém assume que está incomodado com a gordura, dizem que estão preocupados com nossa saúde.

Para entender o corpo gordo é preciso primeiramente entender a sua construção social, construção esta que, muitas vezes, escapa às pessoas, surgindo então como algo naturalmente dado. A noção de corpo enquanto linguagem, culturalmente adquirida, inserido num universo simbólico, pode muitas vezes fazer as pessoas esquivarem. O corpo é a sua imagem, faz parte de quem você é, ter vergonha dele seria ter vergonha de si mesmo. Quando é colocado dessa forma, o questionamento ganha um peso muito maior, então quer dizer que estou dizendo que alguém deve sentir vergonha da própria imagem, que essa pessoa não pode olhar no espelho e admirar o que está sendo refletido (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004).

Dessa forma, a negação e insatisfação com o próprio corpo traduz um mal-estar interiorizado de uma ruptura entre si e o que se exige de si, revelando insatisfações permanentes, uma tradução da opressão social que surge mesmo quando apenas o indivíduo e o espelho estão em cena (GOFFMAN, 1988).

As redes sociais seriam, então, a forma de dar voz a corpos reais e explicações sobre o que é realmente ser saudável, o que é a gordofobia, que é algo muito além de não gostar do corpo gordo, mas passa em questões de constrangimento que essa pessoa gorda vive, como não passar em uma catraca muito estreita, não conseguir achar roupas, sempre ter que ouvir comentários sobre seu corpo como se ele fosse um bem público, o que não é o caso. A pressão estética, algo que atinge a todas, é a pressão para estar no padrão, difundida nas mulheres de diversas maneiras, diferente da gordofobia que diz respeito a toda uma construção social que ensinou que o corpo gordo era sinônimo de algo vergonhoso.

Portanto, a obsessão em se alcançar um corpo magro, como se por meio dele fosse possível encontrar o equilíbrio, a felicidade, ou ao menos, externamente se conseguiria ter a imagem de uma pessoa feliz, traz à tona também a questão de uma imposição de um tipo ideal de corpo que, na maioria das vezes, é inatingível. (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004).

2.3 O Corpo Casa

As personagens do documentário *Corpo Casa*, explicitam como percebiam e sentiam o corpo delas antes e como percebem e sentem esse mesmo corpo hoje, além das barreiras do preconceito e da baixa autoestima que enfrentaram. Para Layane Silva de Sousa (2020)¹ é importante refletir “como você percebia o seu corpo antes dos seus processos, quando você percebeu que tá tudo bem com seu corpo, que não é preciso mudar o tempo inteiro, nem precisa contar sempre tudo que você come. Você precisa ser uma pessoa saudável, na parte física, emocional e mentalmente”.

Stephanny Karollyne (2020)² considera que

Hoje o processo que eu passo com ele, a maneira como enxergo é como morada, e tudo bem a casa está meio bagunçada mas é minha. É um processo de respeito e entendimento, eu nunca gostei da frase “Ah, porque você precisa se aceitar”, porque parece que é uma coisa meio bosta, a não gosto do que eu sou mas tenho que aceitar, é muito mais sobre se compreender.

¹ Entrevista transcrita do documentário *Corpo Casa* (2020).

² Entrevista transcrita do documentário *Corpo Casa* (2020).

Para Thaís Rocha (2020)³, hoje, com as redes sociais, “a gente vê muitas mulheres empoderadas que defendem uma representatividade, o empoderamento feminino, gostarem de si da forma que são, se valorizarem e se amarem”. Rocha (2020) questiona: “qual a diferença dessas mulheres? como elas conseguem passar esse conceito de empoderamento tão forte? será que essas mulheres viveram em um ambiente em que elas não sofreram críticas?”. Rocha considera que não é isso, “provavelmente elas passaram por ambientes em que elas sofreram críticas. E qual seria a diferença dessas mulheres? é que elas têm o autoconceito delas muito bem estabelecido, os valores delas, o que é importante, e o que é importante para ela, está ajustado com a imagem dela”.

“A gente vive em uma constante, tem dia que gente se ama muito, outros que a gente não se ama nada, isso é um processo tanto físico, emocional e psicológico. O importante é sempre lembrar que vai ter outro dia, e que a gente queria se amar nesse outro dia”, confidencia Rafaela Vaz (2020.).

Rayssa Galvão (2020)⁴ conta que tomou uma decisão muito importante em sua vida: “com 19 anos, no dia de marcar a cirurgia bariátrica, eu decidi que ia me dar mais uma chance e dessa vez não era sobre emagrecer, nem uma dieta milagrosa, nem nada disso. Era sobre me dar uma chance para me amar e entender o meu corpo, e essa foi a melhor decisão da minha vida”. Rayssa Galvão, 2020.

“Você não vai se amar todos os dias, o processo é longo, difícil, você não vai tomar uma pílula do amor próprio e vai acordar se amando não”, afirma Isabella Trad (2020)⁵. Com um pensamento libertador conclui que “é você por você mesma, parece desanimador mas não é, olha para mim, olha para você, sabe. Eu acho que vale a pena demais ser livre, vale a pena demais perder esse peso da culpa”.

³ Entrevista transcrita do documentário *Corpo Casa* (2020).

⁴ Entrevista transcrita do documentário *Corpo Casa* (2020).

⁵ Entrevista transcrita do documentário *Corpo Casa* (2020).

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Chegar aqui, para mim, é uma grande conquista, da qual irei me lembrar durante toda a minha vida. O filme documentário *Corpo Casa* nasceu no meu coração em 2018, o segundo ano da faculdade, quando comecei a entender alguns processos que eu precisaria passar para me olhar com mais gentileza, isso só aconteceu porque tive acesso ao conhecimento de mundo e vivências diferentes, que estar inserido em um meio tão diverso como a universidade proporciona.

Logo comecei a buscar entender mais sobre o que seriam esses processos, então conheci algumas mulheres que estavam passando por eles, elas mostravam como se amar, independente dos padrões inalcançáveis que permeiam a sociedade, fazendo muitas mulheres se sentirem invalidadas e até desencadeando doenças. Logo conheci a Isabella Trad, que gentilmente aceitou estar no meu filme e, por meio dela, conheci a Raissa Galvão, que me ajudaram bastante e senti que poderiam ajudar muitas outras mulheres ainda, já que o trabalho delas é influenciar pessoas a serem boas para si mesmas e isso é lindo demais. Com a Raissa o contato foi feito inicialmente com o Jorge Diogo, o assessor dela, pelo direct do Instagram, que foi atencioso comigo e fiquei muito feliz.

Na parte prática da produção do filme, devido a pandemia da COVID19, foi necessário fazer a maior parte das entrevistas *on-line* pelo aplicativo Zoom, somente a entrevista da Stephanny Karollyne, uma amiga pessoal, foi possível ser pessoalmente. A escolhi porque convivendo com ela aprendi muito e admiro toda a história dessa menina mulher. Todas as fontes foram bem receptivas e fico feliz de ter um elenco como esse, fazendo parte dessa etapa da minha vida. Não foi fácil concluir as gravações, tive algumas dificuldades, mas os problemas foram contornados e consegui terminar o filme. O trabalho de conclusão de um curso deixa o acadêmico emocionado, mas ao mesmo tempo apreensivo. Cheguei a pensar que não iria conseguir. Mas tudo acabou dando certo. Este momento é importante para mim e espero que esse filme ajude muitas pessoas como tem me ajudado.

No trabalho escrito fiz a pesquisa, as leituras e escrita da parte sobre o filme documentário, técnica de produção e história do filme documentário no Brasil e para a parte gravada eu li artigos, livros e vi diversos vídeos sobre posicionamento em relação à gordofobia, auto estima e autoconhecimento.

Eu me sinto agradecida por toda ajuda que tive ao decorrer dessa trajetória, dos professores, minha orientadora Eliani em especial, as fontes que sem elas não seria possível esse filme estar pronto, e sou muito grata a mim mesma, porque mesmo nesse ano tão difícil, que foram necessários

repensar muitos valores. É uma vitória ter conseguido concluir algo tão importante como um TCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme documentário representa um papel importante, porque traz uma nova maneira de olhar uma pessoa gorda ou que está fora do padrão. O Brasil é o campeão do ranking de cirurgias plásticas, muitas mulheres declararam insatisfação constante com a imagem que tem de si mesmas, imagem essa que foi construída nas bases de uma sociedade gordofóbica, cheia de padrões que são inalcançáveis e cruéis.

Este documentário foi um trabalho que trouxe grande aprendizagem, por ouvir tantas mulheres lindas, que em algum momento se diminuíram para caber em espaços pequenos e desconfortáveis de conformismo com a sociedade na qual estão inseridas. O objetivo de fazer o filme foi o de mostrar como o olhar das pessoas pode ser reeducado para entender que um corpo não precisa ser igual ao outro, e que a beleza realmente vem da diferença.

Considera-se que o objetivo com a produção do filme documentário *Corpo Casa* foi alcançado. Que outras iniciativas como este tema possam ser criadas dentro do espaço acadêmico, a fim de fomentar o debate sobre questões relacionadas a autoimagem e o autoconhecimento. Que as pessoas possam entender que o lugar de cada um no mundo é cheio de luz e que ninguém precisa se esconder, porque alguém disse que seu corpo está errado.

REFERÊNCIAS

BERNARD, Sheila. *Documentário, técnicas para uma produção de alto impacto*. São Paulo: Elsevier, 2008.

CARLOS, Rafael e LEONARDO, Freitas. *O Cinema como representação da identidade Cultural*. 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1215528803_ARQUIVO_artigoparaANPUH.pdf Acesso em: 08/11/2020

CHACHAM, Alessandra Sampaio; BARA, Maia. *Corpo e sexualidade da mulher brasileira*. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304346509_CORPO_E_SEXUALIDADE_DA_MULHER_BRASILEIRA. Acesso em: 12 out. 2020.

COUTO, Edivaldo Souza. *O Homem Satélite*. Ijuí: Unijuí, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296824147.pdf> . Acesso em: 08/11/2020

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família sob o regime da economia*. São Paulo: Global, 2006.

FERREIRA, Bruno. *O Culto ao Corpo ao longo da História*, 2012. Disponível em: <http://historiabruno.blogspot.com/2012/01/o-culto-ao-corpo-ao-longo-da-historia.html#ixzz6Pp0HaRwj> Acesso em: 03 jun. 2020.

FOLHA VITÓRIA, R7. *OMS alerta que cerca de 10% dos jovens brasileiros sofrem de distúrbios alimentares*. 2020. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/saude/noticia/08/2020/oms-alerta-que-cerca-de-10-dos-jovens-brasileiros-sofrem-de-disturbios-alimentares>. Acesso em: 08/11/2020

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, Gustavo. *Panorama do documentário no Brasil*, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4000394.pdf> . Acesso em: 22 maio 2020.

GOLDENBERG, Mírian; RAMOS, Marcelo Silva. *A civilização das formas: o corpo como valor*. In: Nu & Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/8n0sn> Acesso em 23 de setembro de 2020.

ISAPS, International Society of Aesthetic Plastic Surgery. *Pesquisa de cirurgia plástica*. 2018. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf>

KREUTZ, Katua. *Cinema Novo*, 2018. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/cinema-novo/> Acesso em: 12 mar. 2020.

NORONHA, Andreza, DEUFEL, Camila. *Reflexões teóricas sobre a gordofobia na mídia: o corpo na contemporaneidade*, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/12076> . Acesso em: 13 set. 2020.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

PUCCINI, Sérgio. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção*. São Paulo: Papirus Editora, 2009.

SAMARÃO, Lilianny. *O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia*. Contemporânea, 2007. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/04LILIANY.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole. “*Gorda, Sim! Maravilhosa, Também!*”: Do Ressentimento à Autoestima em Testemunhos de Vítimas de Gordofobia no YouTube, 2017. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21518/11643>. Acesso em: 13 out. 2020.

VASCONCELOS, Naumi; SUDO, Iana; SUDO, Nara. *Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia*. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1518-61482004000100004> Acesso em: 10 out, 2020.

VAN ROOIJEN, Vanessa. *Desconstruir o estereótipo de beleza é uma bandeira de muitas mulheres*, 2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/desconstruir-o-estere%C3%B3tipo-de-belezaVan%20Rooijenpesquisas>. Acesso em: 22 maio 2020.

WOODMAN, Marion. *O vício da perfeição*. São Paulo: Summus, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/27843595/Marion_Woodman_V%C3%ADcio_da_perfei%C3%A7%C3%A3o_PDF_Livro. Acesso em: 08/11/2020

WANN, Marylin. *Gorda sim, e daí?* Revista Veja, Edição do dia 10 de fevereiro de 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE I - ROTEIRO

Imagens	Áudio
Cena 01- vídeo de abertura 00:00 até 1:57	<p>Um corpo fluido, que me permite tanto como exercitar, dançar, sorrir, ter prazer, ela é uma casa mesmo, uma casa que por muito tempo eu ouvi que a cor tava ruim, o tamanho estava errado, a moldura tava errada, quando na verdade nao tinha nada errado tava tudo bem.</p> <p>Tava tudo bem se eu quisesse mudar a moldura, se eu quisesse colocar alguma coisa, porque é o meu lugar e quando a gente percebe que é nosso lugar, tudo se abre e começa a fazer sentido. Não é só um corpo é a minha história, aqui eu tenho marcas, cicatrizes e todas elas contam um pouco de quem eu sou, e que bom que contam, porque me faz perceber que eu sou especial, não pelo meu corpo ser magro ou gordo, ou mais dentro do padrão, eu sou especial, por quem eu sou por dentro, por quem eu me tornei, e eu quero que muitas pessoas sintam isso que eu sinto que eu sinto, que é a liberdade de não ser só uma capa mas ser conteúdo. Essas 5 mulheres superaram muito para estarem aqui hoje, mas elas estão, e estão inspirando outras a entenderem que o seu corpo não é um problema, e nunca foi um problema.</p>
Cena 02- Nome do Filme 01'58" a 02'12"	Corpo Casa
Cena 03 - Layane - Fala 01 02: 12 a 03:17	<p>Como você percebia o seu corpo antes dos seus processos; De você perceber que tá tudo bem com o seu corpo, que você não precisa mudar o tempo inteiro, nem contar tudo que você que come, você precisa ser uma pessoa saudável tanto físico, emocional e mentalmente. Quando você aprende que ficar doente por uma semana, e nao conseguir comer, e ganhar um parabéns dentro de casa por que você vai emagrecer, você acaba normalizando a bulimia que é uma doença muito séria, normaliza esses tipos de comportamento. Você tem que ser uma</p>

	<p>peessoa saudável, essa é a primícia, e ser uma pessoa saudável do formato do seu corpo, de você estar em um padrão.</p>
<p>Cena 04 - Isabella Trad - Fala 01 03:12 a 04:11</p>	<p>Eu fui uma criança gorda, eu acho que eu sou gorda desde que eu me conheço por gente, e eu faço dieta desde que eu me conheço por gente, eu tive acesso né de nutricionistas, médicos, medindo o IMC na escola e dando obesidade grau 1. Sou uma mulher baixinha, tenho 1,55 de altura, eu acho que não cresço desde os meus 12 anos de idade. Eu sou gorda desde que eu me conheço por gente, e no meu processo antes de me empoderar, era de ódio, eu odiava o meu corpo, eu lembro de me imaginar com um zíper, bem cartoom que eu abrisse assim e saísse uma bells magra.</p>
<p>Cena 05 -Stephanny Karollyne - Fala 01 04:12 a 05:38</p>	<p>As minhas memórias afetivas de criança, era sempre penoso, eu tinha um trauma muito grande com dançar quadrilha, porque eu sentia que nenhum coleguinha era capaz de me carregar, eu era muito mais alta que as minhas coleguinhas, então eu me sentia em um lugar diferente. A moda lilica ripilica nunca me vestiu, a roupinha de 12 anos, não me vestia com 6,7 anos. Então vou um processo muito penosos, entender que eu não me encaixar em um grupo, em lugar, mas eu falo muito isso para as pessoas, hoje eu pego fotos de época que eu me achava gorda, e hoje eu não acho, isso é muito doido, porque não diz sobre o corpo que você tem, mas sobre a maneira que você enxerga ele, isso é muito complexo. Então parece que em todas as fases da minha vida, eu sempre tive uma imagem muito distorcida e irreal, mesmo que ainda gorda do corpo que eu tinha e do lugar que ele ocupava. Então sempre foi um processo muito doloroso, a minha mãe e a ,minha família, sempre me ajudaram na paranoia desse processo, minha mãe tentou todos os tipos de emagrecimento como remédio, massagem, aplicação de gás carbônico enfim, então sempre foi um processo de muito dor e de muito sofrimento e desgaste por uma mudança.</p>

<p>Cena 06 - Raissa Galvão - Fala -01</p> <p>05:39 a 06:40</p>	<p>Minha mãe já falou coisas muito pesadas, minha mãe foi bailarina no teatro municipal, meu pai acorda as 5 da manhã para ir para academia, isso desde sempre. Eu fui criada no baile clássico, eu desenvolvi bulimia com 10 anos, eu tive bulimia dos 10 aos 17 anos, é foi um processo muito difícil, eu tinha nojo do meu corpo, era realmente isso que eu sentia, eu tinha nojo, vergonha, eu não conseguia me olhar pelada. Eu não conseguia fazer nada, eu só andava de casaco, eu escondia quem eu era o tempo todo, ir para a praia nunca foi algo normal pra mim, ir pra piscina, nada disso, mesmo morando no Rio de Janeiro</p> <p>As pessoas verem meu corpo era meu maior medo assim.</p>
<p>Cena 07 - Rafaela Vaz - Fala -01</p> <p>06:40 a 07:52</p>	<p>A gente não nasce 100% desconstruído, e esse processo de aceitação é muito magnífico e muito doloroso, principalmente na nossa infância, porque assim e essa aceitação do meu corpo, muito doloroso, porque querendo ou não todo mundo acha que a gordura é sinônimo de doença e não é. Hoje em dia eu e meu padrinho, a gente conversa muito sobre isso né, que ele foi um marco muito grande na minha vida, ele queria meu bem e quer meu bem, mas ele não entendia como fazer isso, então ele me prometia muitas coisas, ah se você emagrecer 10 quilos eu compro um guarda roupa pra voce, se voce emagrecer 20 quilos eu compro um iphone pra você, isso foi, um pouco traumático na minha infância, tanto que eu demorei muito para me aceitar. Até hoje ainda tem resquícios da minha infância , que machuca assim, a , minha infância foi incrível só que um, pouco dolorosa.</p>
<p>Cena 07 - Thais Rocha - Fala -01</p> <p>07:53 a 11:09</p>	<p>O seu trabalho, ele busca levar representatividade, valorizar as pessoas que são gordas ou que de alguma outra forma, estão fora desse padrão estético disseminado pela sociedade, mas que são felizes consigo mesmas né, ela de alguma forma, é uma pessoa que tá fora desse padrão disseminado, mas ela está bem consigo mesma e é isso que importa a, se ela é uma pessoa gorda ou</p>

	<p>baixinha, mas se ela é saudável e ela está bem consigo é isso que importa. O que é a autoaceitação, tá tudo relacionado a autoimagem, a autoestima, tudo tá ali junto com a aceitação e tudo depende do autoconhecimento. Porque se o indivíduo tem o autoconhecimento bem estabelecido, ela conhece de fato os seus valores, e os valores estão bem estabelecidos, as opiniões alheias não vão importar tanto. E as relações interpessoais, se você tem os seus valores bem estabelecidos, ajustados, e se os seus valores estão de acordo com a visão que você tem, de si, as suas relações amorosas, de amizade, não vão ter tanta influência, o mais importante vão ser os seus valores.</p> <p>Hoje com as redes sociais a gente vê muitas mulheres empoderadas que defendem uma representatividade, o empoderamento feminino, gostarem de si da forma que são, se valorizarem, se amarem. Enfim tem muitas mulheres que trazem essa representatividade nas redes sociais, e eu fiquei pensando assim, qual a diferença dessas mulheres, como que elas conseguem passar esse conceito de empoderamento tão forte, será que elas viveram em uma ambiente onde elas não sofreram críticas, e na verdade eu acho que não é isso a linha de raciocínio, elas igual qualquer pessoa, provavelmente também passaram por ambientes difíceis, por ambientes que elas sofreram críticas. A diferença delas é que elas têm o autoconceito delas muito bem estabelecido, elas têm os valores dela muito bem estabelecida, o que é importante pra ela, e o que é importante pra ela, está ajustado com a imagem dela.</p>
<p>Cena 08 - Layane - Fala -02 11:10 a 12:11</p>	<p>Quando eu falo que meu processo começou quando eu entrei na faculdade, é porque em 2018 eu fiz um ensaio com um amigo, quando eu vi as fotos eu chorei tanto, porque eu falava eu quero ser a mulher que eu estou vendo nessas fotos porque ela é muito confiante e a Layane ainda não é confiante assim. a Layane ainda precisa de muita ajuda. E a segunda pergunta que eu fiz para</p>

	<p>todos elas, como você percebe o seu corpo agora, é meu lar, é minha casa, é um presente divino.</p>
<p>Cena 09 - Isabella Trad - Fala -02 12:12 a 14:05</p>	<p>Eu lidava com uma culpa imensa de ser quem eu sou, eu sou tímida então isso eu acho que isso pirou muito mais as coisas, minha família trabalhava com eventos, eu quase não ia a escola e quando ia sofria muito bullying sempre por conta do meu corpo, a minha educação com meus pais e as pessoas ao meu redor modificaram a visão do meu corpo e moldaram né a minha visão, porque querendo nossos pais e a sociedade é uma sociedade gordofóbica. Além de às vezes eles reproduzem essa gordofobia, a galera também transfere para você uma autoestima, eles colocam em cima de você algo que eles gostariam que você fosse. Então eu aprendi que meu corpo era ruim, que meu corpo não era saudável, que a qualquer momento eu poderia infartar, eu não podia fazer um esporte ou correr porque minha já achava que eu ia infartar. A comida em casa era sempre trancada, escomidade, eu sempre tive o meu prato viajado, lógico parece que eu to falando mal dos meus pais, é que eu acho que ninguém é alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado, do mesmo jeito que eu me desconstruí, mamãe se desconstruiu, vovó também.</p>
<p>Cena 10- Stephanny Karollyne- Fala -02 14:06 a 16:03</p>	<p>Às vezes as pessoas tem uma ideia meio distorcida de body positive, não é porque eu passeio por todo esse processo que eu não tenho problema nenhum com meu corpo, ou que todo dia é incrível, porque a indústria e a publicidade é feita para que você odeie seu corpo, e para que você consuma, mesmo quando as pessoas estão satisfeitas, tá beleza, hoje tem lipo lád 3d, beleza, você é magra, tem uma barriga chapada, mas você ainda não em gomos. Então é uma indústria que não para, então a gente ainda tem insatisfações, mas hoje eu sou muito grata, hoje eu acho que ele me nutre, que ele cumpre as principais funções, que eu tenho braços que tocam, então hoje o processo que</p>

	<p>eu passo com ele, a maneira com que eu enxergo é como morada e tudo bem a casa está bagunçada as vezes, mas é minha. Então é um processo de respeito e de entendimento, eu nunca gostei da frase, ah porque você precisa se aceitar porque parece que é uma coisa meio bosta, não gosto do que eu sou sou mas tenho que aceitar. Eu acho que é muito mais sobre se compreender, eu lembro que uma vez quando eu ainda tinha 118 quilos, eu falava que meu sonho era emagrecer e que uma perna não encostasse na outra, porque eu sempre assava as pernas, e era um processo muito difícil pra mim; E um médico virou pra mim e disse, mas eu acho que isso nunca vai acontecer, porque é biotipo, então não é sobre se aceitar, mas compreender que você tem uma genética, eu tenho essa altura porque minha mãe tem, eu tenho esse cabelo porque é o que eu sou, faz parte de mim, então eu acho que me compreender, e entender que eu nunca vou ter o biotipo daquela pessoa que eu achava que era o meu atingível. Quando o seu maior referencial é você, e o seu processo de evolução passa por coisas que você acredita, então eu falo que eu ainda quero e ainda desejo muito mais para o meu corpo, por exemplo praticar yoga que é algo que eu não faço, mas que queria muito fazer, e é um bem que pretendo, mas não é por odiar mas sim por gostar.</p>
<p>Cena 11- Raissa Galvão - Fala -02 16:04 a 19:22</p>	<p>Eu sempre dancei muito bem, meu irmão também era bailairno, e ele tinha sido convidado para o grupo foda do balé que ia competir em Joiniville e tudo mais, e o dono da academia, o professor mais pica das coisas, virou e falou eu queria muito convidar tua irmã, mas ela é gorda, e não dá né, não dá para ela competir sendo gorda. E eu escutei onde as pessoas se arruma que eu esqueci o nome, eles falando sobre vomitar, que eles vomitavam e tudo mais, e eu achei que fosse uma boa ideia fazer isso, e foi durante muitos anos da minha vida assim. Toda vez que eu comia, saia da dieta eu me cortava, me punia de alguma forma. Então eu tinha um caderno, é meio difícil falar sobre isso, eu tinha um</p>

	<p>caderno que eu fazia no food, que era um dia que eu ficava sem comer e no outro dia eu tinha que comer 300 calorias, eu cheguei ao ápice que era ficar 10 dias sem comer, e quando chegou no décimo dia que eu tava muito feliz, mas eu estava com muita dor no estômago, eu tinha 15 anos na época, eu fui na cozinha para beber um copo d'água porque meu estômago tava doendo muito, eu não estava conseguindo dormir de dor, e eu bebi a água e comecei a vomitar toda a água, porque meu estômago não estava aguentando mais beber água, e minha mãe acordou porque eu caí, eu não sei se eu desmaiei eu nao sei oque aconteceu, eu só lembro da minha mãe chegar na cozinha com um pão, e eu falando não, esse pão tem 122 calorias. E eu só fui começar o meu processo de amor próprio com 19, a com 15 anos eu conheci minha ex namorada que me apresentou o feminis,co e o amor próprio. Sendo que eu achava que eu tava 100% curada, até que quando eu entrei na faculdade fiz 18 anos eu queria fazer uma bariátrica, eu no dia de marcar a cirurgia eu desisti e eu falei que eu ia me dar mais uma chance, dessa vez não era uma chance de emagrecer uma dieta milagrosa, ou de alguma forma super restritiva, não era sobre emagrecer, era sobre me dar uma chance, para me amar e entender o meu corpo e essa foi a melhor decisão que eu tomei na minha vida.</p>
<p>Cena 12- Rafaela Vaz - Fala -02 19:22 a 20:16</p>	<p>Eu tenho muito orgulho de onde eu estou agora, mas a gente sempre quer chegar a mais, eu quero sempre chegar a um pouco de amor por mim a mais, me compreendendo, me educando, debatendo também que é um lugar onde a gente sempre aprende, e ocupando vários lugares sabe, ocupa os lugares onde a gente merece. A gente vive em uma constante, tem dia que a gente se ama muito, tem dia que a gente não se ama tanto e tem que dia que a gente não se ama nada, isso tanto é um processo tanto físico, psicológico, principalmente psicológico nesse momento que a gente tá passando agora né. Mas o importante que sempre vai ter outro dia, a gente se lembrar que vai ter outro dia, a gente vai acordar, e que a gente queira estar bem</p>

	nesse outro dia entendeu.
<p>Cena 13- Stephanny Karlloyne - Fala -03 20:16 a 22:07</p>	<p>Ok, tá bom pra mim e alguém falar não ainda não tá, ou eu querer continuar e alguém falar nossa mas você não acha que você tá magra demais não, você tá ficando paranoica . Então as pessoas acabam nunca aceitando os seus processos, sua escolhas. Eu falei sempre isso muito pra mim, Stephanny a gente vai seguir a regra do espelho sabe, o dia que você olhar no espelho e entender que tá tudo bem, então tá tudo bem, se estiver tudo bem com sua saúde, se você estiver feliz, se aquilo te fizer feliz. Eu fico olhando as meninas dessa geração, e fico pensando queria eu com 13 anos ter a oportunidade de ouvir tantas blogueiras, algumas influencers, ter o meu rosto tão representado. Na minha época como atriz a gorda só fazia o papel da gorda, ela era perséfone, a marcelina, a gorda na televisão e na indústria ela só tinha o papel da gorda, ela não ocupava outros lugares, não é tipo não, vou contar a história de uma mulher gorda de uma maneira complexa e fazendo ela feliz e colocando ela em um lugar de um romance digno e de um protagonismo legal, então tudo isso diz sobre aquilo que você é, sobre aquilo que você consome. Tipo se as pessoas te veem no X salada, falam olha lá a gorda comendo X tudo, mas se te veem no Bapi, a mais pô gorda e comendo salada, então é um lugar que você nunca se sente em paz, sempre se sente violado, que a pessoas sempre se sentem no direito de comentar, palpar independente do biotipo que você tá. O a você tá magra demais agora, ou do tipo ah você não acha que não tá na hora de parar, ou ah acho que você tá engordando de novo e o dinheiro da sua cirurgia. Então sempre é um lugar de muita vigilância. Uma das coisas que eu mais aprendi com tudo isso é que nunca vai cessar, nunca vai ser bom o suficiente, o padrão é inatingível para todas.</p>
<p>Cena 14- Layane - Fala -03 22:07 a 23: 50</p>	<p>A gente sempre vai achar alguma coisa que precisa ser desconstruída e reconstruída na gente, mas quando você ao menos se permite gostar do que você vê, as coisas começam a fluir. Você começa a não aceitar mais que as</p>

	<p> pessoas te diminuam por nada, porque elas não podem fazer isso, quem são elas para falar se você é bonita se você é feia, se você é aquilo. Ninguém tem esse direito na face da vida. Eu acredito que meu corpo também, é refúgio, eu me sinto muito bem, muito bem mesmo, hoje em dia eu não me parabenizo por ficar sem comer, ou por fazer uma dieta maluca, ou me restringir de muita coisa, eu me parabenizo quando eu consigo meditar, quando consigo dançar, que é uma coisa que eu amo demais, e eu não fazia porque eu achava que meu corpo não era para isso, gente meu corpo nunca me impediu de nada, a minha construção me impediu de nada, E quando eu falo sobre saúde mental, eu fui para a terapia e percebi o quanto eu era especial e eu não tinha que ser especial para ninguém, que tá me ouvindo agora eu tinha que ser especial para mim primeiro porque como que alguém que se odeia vai conseguir enxergar o outro de maneira gentil. </p>
<p> Cena 15- Raissa Galvão - Fala -03 23:50 a 24:26 </p>	<p> Que é sobre não falar mal dos outros, porque quando voce fala mal dos outros, acho que isso diz mais sobre você do que sobre outro pessoa, quando você fala mal de alguém você permite que esse julgamento existe e você permite falar mal assim de você. Então acho que a gentileza muda o mundo por isso que eu tenho tatuado seja gentil consigo mesma, e é sobre isso assim. Você tem que ser gentil com as pessoas e ser gentil com você. </p>
<p> Cena 15- Isabella Trad - Fala -03 24:27 a 24:55 </p>	<p> Você não vai amar todos os dias, o processo é longo, o processo é difícil, você não vai tomar uma pílula do amor próprio, e vai acordar se amando não, é você por você mesma e pode parecer desanimador mas não é, olha pra mim, olha pra você. Eu acho que vale a pena demais ser livre e perder esse peso da culpa,. </p>
<p> Cena 28 - créditos finais e música de encerramento. 24:55 a 25:00 </p>	<p> Trilha sonora de encerramento mais créditos.Kayúá - Gordinha </p>

APÊNDICE II
AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: Rafaela de Carvalho Vaz

Endereço: Avenida independência 2275 quadra D lote 12 – Setor Leste Vila Nova

Cidade: Goiânia Goiás

RG nº: 6400212

CPF nº: 702889321-96

Telefone para contato: (62) 98404-1645

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 01 de setembro de 2020

Rafaela de Carvalho Vaz

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Tibau Ribeiro da Travençolo, autorizo a acadêmica do jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Layane Silva de Sousa, a utilizar, sem ônus, a minha imagem física, som de minha voz e palavras gravadas para a criação de um produto audiovisual, no formato (documentário), que tem como objetivo falar sobre a gordofobia inserida em uma sociedade cheia de padrões como a nossa. Autorizo também a utilização de qualquer trecho de minha entrevista no mesmo produto, ficando, desde já, autorizada a incluir minha declaração em quaisquer transmissões, retransmissões, exibições e reexibições, por prazo indeterminado e por um número ilimitado de vezes, no Brasil e no exterior, objetivando sua exibição em canais de TV, na internet e quaisquer outros meios de exibição, bem como sua fixação em suporte DVD ou outro tipo de suporte existente ou que venha a existir no futuro. Firmo o presente contrato para os fins de autorização dispostos no Código Civil Brasileiro, na Lei de Direitos Autorais e Acordos e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário.

O trabalho realizado pelos acadêmicos citados neste termo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, o produto criado poderá ser transmitido, retransmitido, exibido e reexibido, bem como poderá ser inscrito em concursos, mostras, prêmios e/ou outras atividades do gênero, sem qualquer ônus cobrado por minha parte.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização

Nome por extenso:

Tibau Ribeiro da Travençolo

Título (ou profissão) para crédito

Psicóloga

Endereço:

Rua EG nº 879 St Jardim Goiás Rua General F. Rodrigues

Telefone:

62 99644-4303

Identidade: 6386994 Órgão: SSP-60

CPF: 034 968 711-05

Goiânia, 10 de Novembro de 2020

Tibau R. da Travençolo

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Stephanny Karollyne Faria Arantes, autorizo a acadêmica de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Layane Silva de Sousa, a utilizar, sem ônus, a minha imagem física, som de minha voz e palavras gravadas para a criação de um produto audiovisual, no formato (documentário), que tem como objetivo falar sobre a gordofobia inserida em uma sociedade cheia de padrões como a nossa. Autorizo também a utilização de qualquer trecho de minha entrevista no mesmo produto, ficando, desde já, autorizada a incluir minha declaração em quaisquer transmissões, retransmissões, exibições e reexibições, por prazo indeterminado e por um número ilimitado de vezes, no Brasil e no exterior, objetivando sua exibição em canais de TV, na internet e quaisquer outros meios de exibição, bem como sua fixação em suporte DVD ou outro tipo de suporte existente ou que venha a existir no futuro. Firmo o presente contrato para os fins de autorização dispostos no Código Civil Brasileiro, na Lei de Direitos Autorais e Acordos e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário.

O trabalho realizado pelos acadêmicos citados neste termo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, o produto criado poderá ser transmitido, retransmitido, exibido e reexibido, bem como poderá ser inscrito em concursos, mostras, prêmios e/ou outras atividades do gênero, sem qualquer ônus cobrado por minha parte.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome por extenso:

Stephanny Karollyne Faria Arantes

Título (ou profissão) para crédito:

Estudante

Endereço:

Rua t41 quadra 15 lote 21 setor Bueno

Telefone:

62 982122188

Identidade: 6262986

Órgão: SSPGO

CPF: 01796014150

Goiania

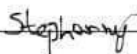
10

de

Novembro

de

~~2015~~ 2020



Assinatura

APÊNDICE III

AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

A aluna Layane Silva de Sousa, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2020, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

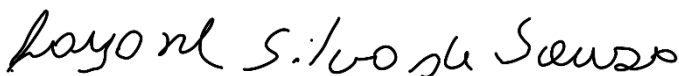
**Termo de autorização de publicação de produção
acadêmica**

O(A) estudante Layane Silva de Sousa do Curso de Jornalismo, matrícula 20171012701232

, telefone:62 992791830 email: layanesds51@gmail.com , na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Corpo Casa, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

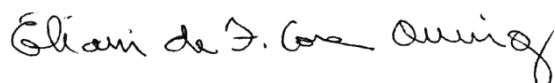
Goiânia, 01 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s)



Nome completo do
autor:

Assinatura do professor-orientador:



Eliani de Fátima Covem Queiroz

